

PIB cresce 2,9% em 2022, mas perde ritmo no 4º trimestre



PIB foi bem melhor que o previsto, mas agora se discute como salvar 2024

Aumento forte do emprego e do consumo foi surpresa que não vai se repetir em 2023, e juros vão causar seu maior estrago neste ano

ANÁLISE

Vinícius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA).

No fim de dezembro de 2021, previa-se que a economia brasileira crescerá 0,4% em 2022. O crescimento do PIB foi de 2,9%, porém, como se soube nesta quinta-feira (2) pelo IBGE. A previsão errada era de "o mercado", a mediana da centena de estimativas de economistas compiladas semanalmente pelo Banco Central.

Para este 2023, a previsão é de crescimento de 0,9%, o que é quase estagnação (um crescimento de apenas 0,2%, por aí). Infelizmente, o risco de acerto é bem maior neste ano.

Uma surpresa como a grande melhora no emprego de 2022 não deve se repetir. Difícil ver de onde possam sair coelhos gordos da cartola, mesmo que sejam coelhos anabolizados de modo doentio por bombas e mágicas de política econômica. O PIBinho de 2023 deve ser carregado pela recuperação da agropecuária, por ajuda de alguma retomada do crescimento da China e por alguma renda extra do Bolsa Família.

Antes de resumir o que se passou em 2022, duas notas sobre a crise brasileira, que está para completar uma década neste ano.

Primeira: a renda per capita, o valor do PIB dividido por habitante, em 2022 era praticamente a mesma de meados de 2011. Ainda estamos passando pelo maior desastre econômico de que temos registro (em termos de PIB, desde 1921).

Segunda: o crescimento do PIB per capita acumulado sob o triênio final do governo de Jair Bolsonaro foi de 2,2%. No triênio entre recessões (2017-2019), de 1,9%. No triênio Dilma Rousseff antes da recessão (2012-2014), de 2,8% (e de -2,2% até 2015). Dá para perceber, citando apenas anos menos ruins, que a crise é persistente.

O erro da previsão para 2022 foi enorme, como é fácil perceber. Por quê?

O número de pessoas empregadas cresceu muito além

do imaginado e contribuiu para que a taxa de desemprego terminasse o ano em 7,9% (bancões previam uma taxa em torno de 12%). O salário médio cresceu também além da conta. A soma de todos os rendimentos do trabalho ("massa salarial") aumentou 12,8%, em termos reais, já descontada a inflação, uma enormidade, embora ainda seja apenas 3,7% maior do que era no fim de 2019, pouco antes da epidemia.

A melhora no emprego e a oferta de crédito bancário, com alguma ajuda das medidas eleitoreiras de Jair Bolsonaro, induziram o aumento do consumo privado, dito consumo das famílias, o que explica o grosso do resultado surpreendente do PIB de 2022.

Ainda não se sabe bem o motivo de tamanha surpresa positiva no emprego. É possível que a redução do custo do trabalho, também em parte por causa da reforma trabalhista, tenha ajudado. Mas pode ser que não conheçamos a economia brasileira depois de uma década de choques horrendos e da reconstrução parcial pós-epidemia.

Quanto ao consumo, aumentou em particular naquele setor que o IBGE chama de "outras atividades de serviços", o mais prejudicado pela Covid (alimentação, alojamento, escola e saúde privadas e outros serviços prestados a famílias e empresas), e em serviços de utilidade pública (eletricidade, água, esgoto, coleta de lixo etc.). A diferença entre exportações e importações contribuiu com quase um terço da alta do PIB de 2022.

É muito improvável que a situação do emprego melhorasse como em 2022, embora o salário real ainda crescesse em ritmo forte no final do ano passado. O aumento do número de pessoas empregadas perde ritmo. Crescia a 10,6% ao ano em março; em dezembro, a 2,8%.

O aumento das taxas de juros vai causar seu maior estrago neste ano, assim como vão causar danos outros fatores de aperto financeiro e desânimo empresarial (incerteza sobre a política econômica de Lula 3, real desvalorizado, inflação persistente, mundo em ritmo mais len-

[...]

Para este começo de ano, a previsão é de um trimestre melhorzinho do que o final de 2022. Tomara. Mas o caldo deve azedar a partir de abril, quando a pasmeira do ano deve aparecer no mercado de trabalho. No investimento produtivo, já apareceu

to, risco-país mais alto, Bolsa em baixa etc.).

Embora ainda não tenham aparecido sinais agudos da alardeada crise de crédito, os juros nos bancos e no mercado de capitais continuam a subir faz mais de ano, assim como a inadimplência. As concessões de crédito livre para empresas calaram o trimestre encerrado em janeiro. O consumo de bens que depende de crédito (carros, eletrodomésticos mais caros) desacelerou ao longo do ano.

O crescimento do PIB, da renda ou da produção da economia, desacelerou de alta de 1,4% no primeiro trimestre para encolhimento de 0,2% no quarto trimestre.

O investimento (em novas moradias, instalações produtivas, máquinas, equipamentos, softwares) cresceu quase nada, 0,9%, em 2022. Em 2023, não deve sair melhorada, pois os ânimos de investir estão diminuídos. A contribuição do setor externo para o PIB (exportações menos importações) deve ser nula, chuta-se, de modo informado.

É possível que a taxa básica de juros da economia venha a cair ainda neste ano, apesar de o mais recente alerta do Banco Central ter sido de Selic ficando na mesma, em 13,75% ao ano, até dezembro ou até depois.

Tanto a mediana das previsões de economistas compilada pelo BC como os preços do atacado de mercado de dinheiro indicam uma Selic a 12,75% no final do ano. "O mercado" está, de certo modo, menos pessimista que o BC.

Os discursos do governo Lula sobre gastos públicos e taxas de juros contribuíram para uma alta de juros na praça, desde novembro. Mas mesmo que a Selic viesse a terminar o ano 2023 a 11,25%, como se previa até o final do ano passado, não refrescaria 2023. Já estamos discutindo o risco de que o crescimento de 2024 seja também baixo.

Para este começo de ano, a previsão é de um trimestre melhorzinho do que o final de 2022. Tomara. Mas o caldo deve azedar a partir de abril, quando a pasmeira do ano deve aparecer no mercado de trabalho. No investimento produtivo, já apareceu.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado **Caderno:** A **Página:** 14